

O sentimento de nostalgia entre mães e filhas. Reflexões a partir do filme *Sonata de Outono*

Marina F R Ribeiro
Prof. Doutora do Instituto de
Psicologia da USP
marinaribeiro@usp.br

Palavras-chave: sonata de outono, mãe e filha, feminilidade, nostalgia.

*Sonata de outono*¹ é um texto-roteiro escrito por um homem – Bergman (1988), e também, um filme. Bergman relata, acompanha e divide sua perplexidade com maestria e sensibilidade, diante dessa “terrível combinação de sentimentos entre uma mãe e uma filha”.²

Um filme de arte, como uma obra aberta, permite sempre leituras distintas, únicas e talvez inesgotáveis. *Sonata de Outono* é considerado por muitos – sejam psicanalistas ou não – um clássico quando se fala na relação entre mães e filhas. Tem sido, então, objeto de reflexão para autores interessados no tema. A plasticidade do olhar é um trunfo também pertinente ao psicanalista, por possibilitar liberdade de interpretação para um filme de tal envergadura. Em outras palavras, é possível vértices de compreensão diversos e ainda não explicitados por aqueles que também se dedicaram a análise do filme.

O sentimento de nostalgia é comumente presente na relação entre mães e filhas, designa algo que não aconteceu no passado, não acontece no presente, porém é sempre desejado. A nostalgia do prazer corporal e psíquico, da mútua apreciação entre mãe e filha, é algo compartilhado entre as mulheres. Contudo, a precariedade desse prazer – quando a impossibilidade de um encontro minimamente satisfatório prevalece – pode ser desorganizadora da feminilidade na trajetória de menina à mulher. No entanto, mesmo quando há encontros – os possíveis –, esses são também da ordem da nostalgia, pois nunca será o sonhado, e, quanto mais precário ou insatisfatório, mais ardentemente desejado é o encontro com a mãe. Essa é a leitura específica que faço do filme *Sonata de Outono*.

No filme, a dificuldade do marido em acessar e reparar os sentimentos amorosos de Eva (personagem principal) – sentir-se amada –, decorrentes de uma experiência amorosa insuficiente com a mãe, evidencia-se na frase de Viktor que abre o filme. É ele (Viktor) quem relata a história, como um observador que pouco pode intervir, da mesma forma que o pai de Eva, que a consolava quando a mãe partia para suas turnês como pianista. Ser amada parece significar ser apreciada e vista pela mãe; *essa possibilidade é*

¹ Roteiro e direção do sueco Ingmar Bergman (1978), com Ingrid Bergman representando a mãe Charlotte e Liv Ullman, a filha Eva.

² Esse texto é fruto de uma reescrita de partes da tese de doutorado: *De mãe em filha: a transmissão da feminilidade*, PUCSP, 2009.

pouco viável diante de uma sucessão familiar mãe-filha, na qual há falhas (ou melhor, fendas) quanto à sofisticada, elaborada e edípica capacidade de amar.

As perdas parecem percorrer gerações de mães e filhas. A mãe atacou, na filha e nela mesma, tudo o que era sensível e frágil. Podemos imaginar que, o fizesse, talvez, para estruturar-se como pessoa, mesmo que de forma precária. A maternidade poderia ter sido uma oportunidade para Charlotte (mãe de Eva) entrar em contato com o que foi traumático na sua própria história. No entanto, esse não foi um caminho de elaboração possível para ela, apesar de ter se encantado com sua pequena e amorosa menina. O amor de Charlotte pela filha parece ser engolfante e vampírico. O ódio (tanto da mãe, quanto da filha, em diferentes momentos) parece ser uma proteção a esse amor passional.

Godfrind (1994) levanta a hipótese de que, atrás do ódio, há um amor passional pela mãe – amor nostálgico e violento. Esse amor violento, pelo risco da perda do “si mesmo”, provoca um recalçamento do amor à mãe e recorre a um ódio protetor. Charlotte também deseja ardentemente reencontrar o amor da sua mãe, na filha. Diante dessa demanda engolfante (e alienante), o ódio pode ser um instrumento de distanciamento seguro, mesmo que a um custo alto. Godfrind (1994) diz que o perigo em abandonar esse ódio salvador é de desintegração psíquica.

O ódio, o prazer na desgraça da filha, parece ser uma proteção ao amor passional por Eva. A filha (Eva) pode ser experienciada inconscientemente como duplo da mãe de Charlotte. Ou seja, os lugares e as gerações invertem-se: a filha transforma-se na mãe da mãe. Isso fica mais claro na seguinte fala de Charlotte: - *Acho que queria que você cuidasse de mim, me abraçasse e me consolasse. Eu era a criança.* A relação com a filha desperta o que não foi vivido com a própria mãe (avó de Eva), e essa demanda insaciável e impossível pode ser desestruturante, ou propiciadora de uma organização psíquica frágil e/ou falsa, ou geradora de diversos sintomas.

Godfrind (1994) escreve que o trabalho de análise – com pacientes que constituíram um *pacto negro* com suas mães – leva ao contato com a fragilidade e os limites da mãe “real”, e que esse reconhecimento por parte da filha nem sempre é suportável. Essa dificuldade de reconhecer e aceitar a fragilidade psíquica da mãe pode ser um impedimento para a continuidade da análise.

A filha precisa separar-se da mãe – desidentificar-se. Caso isso não aconteça, sua existência fica em função de reparar a mãe. O processo de análise é uma chance de romper a transmissão de uma *feminilidade mortífera* – o *pacto negro* (Godfrind, 1994, p. 145).

Muitas vezes, porém, deixar que a esperança arrefeça parece não ser possível. Como se desligar do que precariamente aconteceu? Será este um luto passível de elaboração ao longo da vida? Bergman insinua, no final do filme, que a esperança é abalada, mas não deixa de exercer seus efeitos paradoxais: concomitantemente nefastos e benignos. A esperança de um dia sentir-se amada pela mãe pode estar sustentando todo o edifício psíquico, mesmo que de forma precária e a um preço de ouro – a própria vida, no que se refere ao sentimento de realização pessoal.

A possibilidade de perdoar a mãe, de perceber que a mãe também foi prejudicada é possível diante da experiência e da identificação com outra mulher – a analista. Aceitar as qualidades psíquicas da analista é fazer o luto pela mãe que não se teve, assim como, evidenciar e aceitar as falhas maternas. Processo nem sempre possível, e, talvez, uma *pedra no caminho* das análises entre mulheres.

Seria o filme a descrição intimista de um processo analítico? Podemos especular que esses diálogos poderiam fazer parte da busca pela verdade emocional, intenção presente em uma análise, verdade específica a cada um – “o sentimento da verdade é uma marca de talento. ” (Bergman, 1988, p. 103). Será necessário o outono da maturidade para que situações dolorosas possam ser revisitadas? As pacientes descritas por Godfrind (1994) são mulheres maduras, profissionais, algumas já casadas e com filhos. Eva diz que fez o convite à mãe porque achou que estaria adulta e madura o suficiente para abrir a porta da infância. Entretanto “suas esperanças eram grandes demais, ” (Bergman, 1988, p. 123). Ao final, fica a nostalgia..., do que poderia ter sido, mas não foi; do que nunca foi, nem nunca será; os difíceis entrelaces nostálgicos entre mães e filhas.

Referências bibliográficas

- ALONSO, Silvia Leonor. A filha “não suficientemente boa”. In **Interlocuções sobre o feminino na clínica, na teoria, na cultura**. São Paulo: Ed. Escuta 2008, p. 233-249.
- BERGMAN, Ingmar. **Sonata do Outono**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1988. (Trad. Jaime Bernardes).
- ECO, Umberto. **Obra Aberta**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1968. (Trad. Giovanni Cutolo).
- ELIACHEFF, Caroline & HEINICH, Nathalie. **Mães-filhas, uma relação a três**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. (Trad. Claudia Berliner).
- GODFRIND, Jacqueline. Le pacte noir. In: **Rev. Franç. Psychanal**, v. 58, n.1, p. 135-46, 1994.
- GODFRIND, Jacqueline. O pacto negro. In: **Boletim Formação em Psicanálise**, ano XVI, n. 1, jan/dez, p. 101-116, 2008. (Trad. Daniela da Rocha Paes Peres).
- HALBERSTADT-FREUD, H.C. Electra cativa. Sobre a simbiose e a ilusão simbiótica entre mãe e filha e as consequências para o complexo de Édipo. In: **Rev. Bras. Psicanálise**, vol. 35 (1): 143-168, 2001.
- MOREIRA, Ana Cleide Guedes. A concepção de melancolia em Freud e Stein: uma interpretação sobre Eva, personagem de Sonata de Outono, de Bergman. Mestrado em Psicologia Clínica, PUC-SP, 1992.
- RIBEIRO, Marina F. R. **Infertilidade e reprodução assistida. Desejando filhos na família contemporânea**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- RIBEIRO, Marina F. R. De mãe em filha. A transmissão da feminilidade. Tese de doutorado em Psicologia Clínica, PUC-SP, 2009.
- RIBEIRO, Marina F. R. **De mãe em filha. A transmissão da feminilidade**. São Paulo: Editora Escuta, 2011.
- ZALCBERG, Malvine. **A relação mãe e filha**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
- Filme comentado:
Sonata de Outono. Título original: *Horstsonat*. Direção de Ingmar Berman, 1978.